

MIRIAM DE OLIVEIRA SANTOS*
MARIA CATARINA CHITOLINA ZANINI**

ESPECIFICIDADES DA IDENTIDADE DE DESCENDENTES DE
ITALIANOS NO SUL DO BRASIL: BREVE ANÁLISE DAS REGIÕES DE
CAXIAS DO SUL E SANTA MARIA***

A identidade de descendente de italianos, “italianos do Rio Grande do Sul”, “italian”, “italo-gaúchos” ou simplesmente “italianos” é construída por meio de alguns sinais adscritivos comuns, tais como o pioneirismo, o elogio à família enquanto valor, da religião e, principalmente, da reafirmação do trabalho como estratégia de ascensão social. São esses os símbolos escolhidos, que servem como tipificação diacrítica do grupo e elementos de contraste em relação aos demais “brasileiros”. Entretanto, no próprio Rio Grande do Sul existem diferenças com relação à trajetória de construção das italianidades. Neste artigo, pretende-se efetuar um contraponto etnográfico entre a região de colonização da serra gaúcha, especialmente Caxias do Sul, e a colonização ocorrida na região central do estado, principalmente, em Santa Maria e região. Palavras-chave: identidade; imigração italiana; colonização.

* Professora Adjunta – UFFRJ. Pesquisadora Associada do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios – NIEM. Endereço: Rua Tomaz Coelho, 80/402 – Vila Isabel, Rio de Janeiro –RJ, CEP: 20540-110. Tel.: (21) 22689271. E-mail: <mirsantos@uol.com.br>.

** Professora Adjunta – UFSM. Pesquisadora Associada do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios – NIEM. Endereço: Caixa Postal 5046 – Agência Campus UFSM, Santa Maria – RS, CEP: 97110-970. Tel. (55)22263583. E-mail: <zanini.ufsm@gmail.com>

*** Uma versão preliminar desse artigo foi apresentada na VII Reunião de Antropologia do Mercosul.

Iniciamos este artigo ressaltando: aquilo que se costuma chamar genericamente de “imigração italiana” tem pouco de homogêneo, apresentando diversas especificidades, entre elas: locais de origem do imigrante na própria Itália, geografia da terra hospedeira, clima, inserção econômica. Muitas vezes, é mais fácil encontrar semelhanças entre a imigração italiana e alemã para o Rio Grande do Sul do que entre a imigração italiana para São Paulo e para o Rio Grande do Sul.

Mesmo dentro do Rio Grande do Sul, deparamo-nos com diferenças significativas entre o desenvolvimento de Caxias do Sul e o da Quarta Colônia de Imigração Italiana (ex-colônia Silveira Martins).¹ Por outro lado, podem ser encontradas semelhanças entre a colonização de Caxias do Sul e cidades de colonização alemã, até de outros estados, como, por exemplo, a de Blumenau, em Santa Catarina, onde, analogamente a Caxias, instaurou-se uma forte burguesia comercial e industrial vinculada à colonização, que incentivou a manutenção de uma distintividade baseada na etnicidade (SEYFERTH, 1974; ROCHE, 1969). Esses contrapontos nos serviram de inspiração para, de forma breve, problematizar as diferenças no interior de um processo que poderia parecer coeso e homogêneo, como é a revitalização e reivindicação das italianidades, mas que apresenta, em sua dinâmica, cruzamentos com outras questões sociais e políticas mais amplas, internas e externas ao contexto brasileiro, que exigem dos pesquisadores trânsitos interdisciplinares e constatare vigilância epistemológica acerca do fazer etnográfico.

IDENTIDADE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Interessa-nos, especialmente, a relação entre cultura e identidade, na forma enunciada por Goffman (1978). Este autor afirma que a cultura é produzida por meio de negociações no âmbito das interações sociais, em uma posição bastante próxima à de Firth (1974), para quem a cultura é socialmente produzida, em consonância com a organização social. Mas o autor que melhor se adapta ao que observamos no Rio Grande do Sul é Stuart Hall. Segundo Hall, percebe-se, atualmente, uma desintegração das identidades nacionais pela tendência da homogeneização cultural da globalização. Em função disso, há um reforço das identidades nacionais e

¹ A antiga colônia Silveira Martins abrange trechos do que atualmente é conhecido como os municípios da Quarta Colônia: Silveira Martins, Agudo, Nova Palma, Faxinal do Soturno, Ivorá, Pinhal Grande, São João do Polésine, Restinga Seca e Dona Francisca. Parte de seu território inicial foi desmembrado em 1888 e dividido entre os municípios de Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos. Contudo, devido à municipalização crescente no estado, algumas dessas localidades se emanciparam e hoje possuem vida administrativa própria. A Quarta Colônia está situada no interior do estado, próximo à cidade de Santa Maria. Em Agudo, Dona Francisca e Restinga Seca a colonização foi mista: alemães e italianos.

de outras locais e particularistas, em virtude da resistência ao processo de globalização. Como síntese desse choque, as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades, que ele denomina híbridas, estão tomando o seu lugar (HALL, 1999). Com essas afirmações, Hall nos dá pistas interessantes e inovadoras para compreender o contexto cultural do Rio Grande do Sul como parte de um processo mundial, no qual culturas locais e nacionais se mesclam com aspectos novos trazidos pela globalização e resultam no que o autor vai chamar de “culturas híbridas”.²

Contudo, essa reafirmação do regional não é totalmente nova. Já em 1963, Freyre, em um artigo escrito originalmente em inglês, afirmava:

Alguns estudiosos da situação internacional como ela se tem desenvolvido no mundo desde a revolução Industrial da Europa – a conquista industrial do mundo baseada em ideais de standardização de todos os países, de acordo com os padrões dos Estados capitalistas mais poderosos – reconhecem a necessidade de um regionalismo criador em oposição aos muitos excessos da centralização e da unificação política e da cultura humana, estimuladas não só política mas economicamente por forças e interesses imperialistas. Os que assim pensam têm como fundamental que um crescente número de unidades culturais diversas contribuiria para a estabilidade do mundo, prevenindo a formação e a expansão de imperialismos e impérios. (FREYRE, 2000, p. 119)

Hall também nos auxilia a perceber que a revalorização da cultura italiana e da “diferenciação” cultural, que os descendentes de italianos habitantes das cidades de Caxias do Sul e Santa Maria pretendem ter em relação aos demais “brasileiros”, não é um fenômeno local, inserindo-se num contexto mundial de valorização das identidades locais.

Por isso, buscaremos analisar como as identidades dos imigrantes italianos e seus descendentes são socialmente construídas mediante a noção de cultura compartilhada. É importante lembrar que existe um duplo estatuto na questão da identidade. De um lado, trata-se de um processo em construção e, de outro, pressupõe substantivação na qual os agentes sociais decidem acreditar.

Alguns autores, como Cohen, afirmam que a identidade étnica está ligada a interesses corporativos. Segundo esse autor, a etnicidade é instrumentalizada e acionada nos momentos em que é relevante, e a instrumentalização política da etnicidade é usada como arma para adquirir privilégios

² Cabe observar que Emílio Willems, em um trabalho no qual se propunha observar a assimilação de imigrantes alemães pela sociedade brasileira, vai utilizar o mesmo termo. Para ele, os colonos alemães estavam produzindo no Brasil uma “cultura híbrida” (WILLEMS, 1980).

(COHEN, 1979). No entanto, é importante lembrar que a identidade étnica até pode ser manipulada e utilizada para atingir determinados objetivos de alguns grupos corporados, mas que não se resume a isso, já que o grupo pode preexistir ao interesse corporativo.

Em um artigo inédito sobre a identidade brasileira, Schneider chama a atenção para o fato de que a construção de uma identidade envolve a “construção de uma origem “histórica”, e que essa construção envolve também não apenas origens míticas ou mitológicas, mas uma “leitura específica” de determinados fatos históricos” (SCHNEIDER, 2003, p. 1).³ Schneider aponta ainda para um “culto à imigração”, fruto da visão positiva que os brasileiros têm da Europa, e para o fato de que a cultura do descendente de imigrantes aparece, discursivamente, como diferente daquilo que é considerado tipicamente brasileiro⁴ (SCHNEIDER, 2003).

Assim, objetivamos mais do que responder a questões que salientam a universalidade entre a diversidade das italianidades: elencar o quanto os contextos nos quais esses grupos se inseriram fizeram com que negociassem sinais diacríticos que lhes possibilitassem sobrevivência grupal e manutenção de fronteiras. Como exemplo, podemos citar, em Caxias (RS), a uva e suas simbologias como algo “italiano”; em Silveira Martins (RS), a batata, sustento das famílias. Em Caxias, a riqueza; na Quarta Colônia, certa nostalgia por não se considerar uma colônia próspera.

Enfim, elementos que permitem ao antropólogo encontrar as diversidades no interior de um processo comum: a etnicidade. Em ambas, Caxias e Santa Maria, observa-se a italianidade como sentimento de pertencimento baseado numa origem que dialogou historicamente com vários períodos da vida regional e nacional, cada uma a seu modo. Seu apogeu simbólico se deu após os festejos do Centenário da Imigração Italiana no estado, em 1975, quando já havia uma elite intelectual e econômica capaz de produzir uma discursividade acerca de si mesma, salientando o quanto esse grupo havia contribuído para o desenvolvimento e riqueza do estado. Em Santa Maria, os resultados dessa revitalização apareceram na década de 1980, com a fundação de entidades italianas patrocinadas por membros das camadas médias e altas, que visavam promover a cultura italiana. O que se observaria, a partir de então, em todo o estado, era uma crescente efervescência de entidades italianas, associações, *círcoli*, corais

³ O trabalho foi apresentado no PPGAS do Museu Nacional e a versão preliminar do artigo foi gentilmente enviada ao autor.

⁴ De acordo com Ferreira (1999, p. 153): “Nos discursos correntes, o brasileiro aparece bastante desqualificado. Como são discursos pronunciados por brasileiros, cabe perguntar quem são os verdadeiros brasileiros ou os brasileiros ideais – espelhamento que parece remeter-se ao europeu, aprofundando sempre a *inferioridade* brasileira, ao defrontar-se com o olhar discriminador do colonizador”.

etc., que buscariam promover a italianidade. São processos particulares que ainda requerem muitos estudos para que suas dinâmicas possam ser compreendidas e analisadas. Contudo, o que para nós foi estímulo para as pesquisas é a força encontrada nesse tipo de reivindicação.

As italianidades guardam um conjunto de especificidades que, seja do ponto de vista simbólico ou pragmático, merecem ser melhor estudadas. As análises a seguir, sobre Caxias ou Santa Maria, foram fruto de pesquisas etnográficas realizadas pelas autoras. Santos (2004) defendeu tese sobre a simbologia da Festa da Uva em Caxias. Zanini (2002, 2006) defendeu tese sobre a construção da trajetória de italianidade em Santa Maria e região. Ambas continuam a estudar esses e outros grupos migratórios, objetivando a melhor compreensão dessas dinâmicas, que não são privilégio dos descendentes de italianos mas presentes também em outros grupos étnicos no Brasil, tanto no meio urbano como no rural.

OS "ITALIANOS" DE CAXIAS DO SUL

Ao estudar os grupos étnicos, Barth (2000) chama a atenção para as linhas divisórias que separam os grupos humanos através da criação e manutenção de fronteiras simbólicas e distintivas. No caso específico da cidade de Caxias do Sul, houve uma dissolução das fronteiras entre as identidades regionais (na época da grande imigração, apesar do passaporte italiano, as pessoas consideravam-se venetas, trentinas, lombardas etc.) e a fusão dessas identidades em uma nova, a de "italianos" ou "descendentes de italianos".⁵

Essa fusão ocorreu por meio de uma alteração dos critérios de pertencimento a uma coletividade. Não significou, entretanto, incorporação plena à identidade nacional brasileira, mantendo-se uma identidade diferenciada, vinculada ao processo migratório.

Observamos que, em Caxias do Sul, a ênfase está, sobretudo, nas orientações valorativas básicas, pois ser ítalo-gaúcho ou "de origem" italiana, remete a um determinado tipo de comportamento: trabalho duro, honestidade, religiosidade, moralidade. E apesar de, nos últimos anos, o estudo da língua italiana e a participação em corais e grupos de dança com vestimenta típica terem se transformado em atividades bastante

⁵ No entanto, é necessário ressaltar que até hoje existem na cidade, além do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro, o Círculo Trentino de Caxias do Sul e a Associação Vêneta de Caxias do Sul. Parece-nos que o mecanismo que opera na manutenção dessas identidades regionais é o mesmo que faz com que os descendentes de italianos prefiram ser considerados "ítalo-gaúchos" a "ítalo-brasileiros". Afinal, o desenvolvimento desigual do Norte e do Sul da Itália faz com que os descendentes de Trentinos e Vênetos tenham mais "prestígio" do que genéricos "descendentes de italianos".

valorizadas, o que continua sendo basilar para o pertencimento é o aspecto moral.

No entanto, embora o aspecto moral seja prioritário, a distinção baseia-se na reivindicação de uma origem étnica específica, por parte dos descendentes de imigrantes italianos chegados a Caxias do Sul a partir de 1875. A reivindicação progressiva dessa distinção é formulada especialmente por residentes da zona urbana do município. Reivindicação que é reforçada a partir da criação da Festa da Uva em 1931. Frosi (1998, p. 166) assinala que:

[...] O uso da fala dialetal italiana é, muitas vezes, artificial na boca de falantes urbanos. Ela não tem aí uma função de comunicação e de transmissão de cultura. Ela é usada como um instrumento para demarcar um espaço próprio, uma identidade cultural local, um perfil de determinado grupo humano ítalo-brasileiro regional.

Os descendentes de italianos que residem em Caxias do Sul delineiam-se como um grupo diferenciado no interior da sociedade nacional, apresentando sinais diacríticos que conformam o seu reconhecimento enquanto grupo. Os habitantes da região reportam essa identidade como característica dos descendentes de imigrantes italianos, que se instalaram na região a partir de 1875. As lideranças da cidade falam em “ítalo-brasileiros”, “ítalo-gaúchos” ou “descendentes de italianos”. O povo refere-se a si mesmo como “italianos” ou “italianos do Rio Grande do Sul”.

Em Caxias do Sul, observamos que uma pequena elite de descendentes de imigrantes detinha o poder político e econômico. Por isso, ao contrário do que aconteceu em outras zonas de imigração, mesmo durante o período no qual a campanha de nacionalização foi mais forte, de 1930 até 1954, os prefeitos foram descendentes de italianos, inclusive Dante Marcucci, nomeado durante o Estado Novo e que ficou no poder até 1947. Euclides Triches, prefeito de Caxias do Sul no período de 1951 a 1954, secretário de obras públicas do estado em 1955, foi eleito governador em 1972. Giron (1994, p. 41) ressalta que:

Das listagens dos empresários apresentados como as maiores empresas industriais e comerciais da Região, no Álbum comemorativo de 1925, nenhum dos nomes era de brasileiros. A burguesia era constituída por italianos natos, ou, no máximo, de filhos de imigrantes. Sob o ponto de vista econômico, estavam plenamente integrados ao capitalismo nacional.

Ao poder econômico sucede rapidamente o poder político. Machado observa que:

A escolha do nome de Miguel Muratore e depois de Dante Marcucci, integrantes da Associação dos comerciantes para governar o Município de Caxias do Sul, permitiu que as elites locais chegassem ao poder público municipal [...]. (2001, p. 254).

A cidade é um espaço aberto e disputado por grupos distintos, sendo também palco privilegiado de disputas, classificações e segregações. Além disso, é na cidade que vai se concentrar a elite colonial: comerciantes e industriais no início e, um pouco mais tarde, intelectuais e políticos. Nesse processo, ocorre uma hibridização cultural: por um lado, a elite se afasta dos valores dos grupos rurais e se aproxima dos valores da elite brasileira e, por outro, constrói para si uma identidade distinta da elite luso-brasileira.

Na década de 1950, construiu-se a identidade de imigrante italiano, marcada pela imagem do colono progressista, desenvolvido, pioneiro que havia se transformado em industrial. Nessa mesma época, aqueles que permaneciam como colonos (rurais) eram vistos como símbolo de atraso. A idéia de progresso era de desenvolvimento urbano, industrialização, grandes edifícios, enfim, a transformação da “colônia” de imigrantes pioneiros na grande metrópole civilizada e civilizadora, que servia de modelo de desenvolvimento ao resto do país. Portanto, ser italiano era positivo, ser colono negativo. A dicotomia rural/urbano correspondia à dicotomia colono/italiano. Contemporaneamente, observamos uma revalorização do campo (e do colono) e a fusão das duas identidades anteriores em uma só: o colono italiano. Segundo Lagemann:

A interpretação heróica, fazendo do colono bem sucedido econômica ou politicamente um verdadeiro ‘self-made-man’, é perfeitamente compatível a um sistema ideologizado pela ‘democracia agrária’. Dentro dessa perspectiva, existe a possibilidade democrática, livre, de ascensão social. Por uma decisão individual, exclusivamente pelos próprios méritos, ultrapassam-se as barreiras da pobreza, ignorância, isolamento e da insignificância. Assim, quem teve sucesso no empreendimento, merece ser cultuado. É o culto do vencedor. Vêm daí as trajetórias imaginárias do colono de mãos calejadas rumo ao sucesso nas diversas áreas, seja o comércio, indústria, política, etc. Chega-se, seguindo esse caminho, a colocar o imigrante como o civilizador, o que tudo iniciou, incluindo a industrialização. (LAGEMANN, 1980, p. 118)

Ou seja, os políticos e a elite “de origem” contribuíram para a construção e cristalização da imagem do imigrante como pioneiro e civilizador. No Álbum Comemorativo dos 75 Anos da Imigração Italiana, encontramos: “[...] Entre os árdegos pioneiros de 1875 e os lutadores de hoje, não vai diferença maior que nos métodos e meios de trabalho. A vontade de vencer, o ânimo na luta, a ambição de melhorar e ir para diante, a vibração, o entusiasmo, as virtudes e os defeitos são os mesmos”.⁶

De acordo com Maestri (1999, p. 191), essa “interpretação heróica da colonização” surge em função da “universalização e generalização de depoimentos singulares sobre as dificuldades vividas pelo imigrante italiano, nos primeiros tempos, no Rio Grande do Sul”, isto é, parte dos relatos e das biografias dos primeiros imigrantes. Emerge também em função de “uma visão hiper crítica da organização do movimento colonizador pelas autoridades nacionais”, em que as dificuldades dos tempos iniciais da colonização são maximizadas e as providências tomadas pelas autoridades brasileiras para o desenvolvimento da colônia convenientemente esquecidas.⁷

Maestri considera que existe uma “leitura hagiográfica da história da colonização”, leitura que é encampada pelos meios de comunicação, adquirindo “foro científico ao se propor como interpretação hegemônica do fenômeno migratório” (MAESTRI, 1999, p. 191). Deriva daí um discurso etnocêntrico demarcador de fronteiras étnicas, que aparece tanto nos depoimentos quanto na historiografia. Exemplo paradigmático desse “culto ao vencedor” é a inauguração, em 1946, do busto de Ábramo Eberle, na Praça Vestibular, em Caxias do Sul. Lê-se na inscrição da placa: “*Pioneiro do Progresso Caxiense*”. No entanto, uma leitura atenta da sua biografia aponta para o fato de que ele não era um “colono” qualquer. Ao narrar a partida da família Eberle da Itália, Franco relata que o pai de Ábramo Eberle:

Vendeu a granja, saldou suas dívidas, tirou uma pequena quota para as despesas imediatas de viagem e o restante foi investido na compra de objetos que, segundo opinavam seus amigos já estabelecidos no Rio Grande, ofereciam boa margem de lucro. Trouxe, assim, um lote de chapéus para homens e para mulheres, mudas de videira, macieiras,

⁶ Discurso do Sr. Alceu Barbedo, Procurador Geral da República e orador oficial designado pela Comissão da Festa da Uva. Apud Bertaso; Lima (1950, p. 22).

⁷ As primeiras exposições de produtos coloniais são organizadas pelos administradores das colônias. No Rio Grande do Sul, há incentivo à policultura, na busca de melhores culturas, e o governo chega, inclusive, a trazer agrônomos e técnicos da Itália para orientar os colonos em suas culturas.

cerejeiras e outras plantas de produção comercial, além de caldeiras e alambiques de cobre. (FRANCO, 1943, p. 31)

Ou seja, longe de ser o pobre pioneiro aliciado pelas promessas dos agentes de colonização, Eberle e sua família vêm para o Brasil por conta própria, já informados sobre as condições de vida e trazendo um bom sortimento de mercadorias para iniciarem-se no comércio. Comércio que permitiria a acumulação de capital para a indústria. Ábramo Eberle vendeu de vinho a colônias, passando por diamantes.

Como nos lembra Wolf (2003, p. 238),

[...] o nacionalismo italiano postulava um Estado criado por membros de uma elite urbana, uma Itália criada ‘a fim de criar italianos’. Esse nacionalismo não apela para um *Volk* original, mas insiste no conceito de *civiltà* (as qualidades da civilização) [...].

Ao construir o lugar do pioneiro, colonizador e civilizador para si, os imigrantes italianos e seus descendentes determinaram também o lugar dos outros moradores da terra: para os negros e índios o papel de selvagens e incultos; para os descendentes de portugueses, o papel de pessoas sem refinamento, de maneiras rudes e portadores de uma religiosidade católica distinta daquelas que traziam os italianos, julgamento já expresso no apelido pelo qual eles são conhecidos: “pêlo duro”, uma designação regional (no resto do país se conhece como “casca grossa”).

Ao contrário das grandes cidades, em especial São Paulo, onde aparece ainda hoje o estigma do italiano grosso, pouco educado – “casca grossa”, “carcamano” – (CARELLI, 1986), em Caxias do Sul o grau de coesão grupal permite que os estigmatizados como grossos sejam os descendentes de portugueses e também aqueles considerados “brasileiros”, alcunhados genericamente de “negri”.

Durante a Segunda Guerra Mundial, ser “italiano” era uma categoria negativa, mas, a partir do final da guerra, observamos uma reelaboração que aponta o imigrante italiano como o civilizador, aquele que transformou a selva em cidade por meio do suor de seu rosto. A cultura “italiana” é assumida como um elemento de diferenciação, porque promotora de progresso e riqueza. Há uma construção histórica de uma identidade, ligada a determinados comportamentos, que estão associados ao sentido de pertencimento a um grupo. Acontece, nesse caso, um privilegiamento de natureza biológica (a descendência italiana) para explicar fenômenos sociais, inclusive, o desenvolvimento econômico de Caxias do Sul. A cul-

tura adquire assim um significado classificatório, implicando a noção de superioridade e inferioridade, num discurso que hierarquiza as etnias.

Da mesma maneira que Cohen⁸ fala em uma retribalização, podemos apontar para uma reetnização, na qual indivíduos que se transferem do campo para a cidade enfatizam e exageram a sua identidade e exclusividade cultural, com objetivos políticos e econômicos. Mas isso não quer dizer que tal identidade seja desprovida de outros significados não instrumentais – afetividade, espírito de comunidade, valores compartilhados etc.

Giron também aponta para a relação entre o discurso laudatório e a economia. A autora sublinha que “o imigrante heróico, trabalhador, econômico e realizador da economia gaúcha é a imagem que o grupo [de descendentes de imigrantes italianos] criou sobre seus feitos” (GIRON, 1980, p.66). Em suma, a construção de uma identidade contrastiva em relação à sociedade nacional surge quando o grupo se diferencia – separando colonos e cidadãos – mas, principalmente, quando tal postura começa a se mostrar vantajosa, levando, inclusive, nos últimos anos, à incorporação e reelaboração de valores e costumes camponeses por parte da população urbana.

OS “ITALIANOS” EM SANTA MARIA (RS) E REGIÃO

A imigração italiana para a região central do Rio Grande do Sul teve início em 1877, feita em levas familiares, principalmente oriundas do norte da Itália. Eram católicos, mas alguns com influência da maçonaria (que marcou, de certa forma, aquele processo migratório). A maior parte era de camponeses. A colônia Silveira Martins, contudo, foi construída com um centro urbano e alguns imigrantes para lá se dirigiram. No início do processo igualou-se ao que foi descrito anteriormente com relação a Caxias do Sul. Aqueles indivíduos orientavam suas existências guiados pela crença religiosa, desejo de ascensão social e motivados pela possibilidade de manutenção de uma ordem familiar idealizada, na qual o pai era o patrão e os filhos mão-de-obra, fosse enquanto camponeses ou nas pequenas empresas domésticas. Nessas hierarquizações, pouco espaço cabia às mulheres, fosse na busca de sua própria ascensão social ou na possibilidade de se tornarem proprietárias ou empreendedoras, caracte-

⁸ Segundo Sprandel (1992, p. 9), “Em 1969, Abner Cohen em, *Custom and politics in urban Africa*, definiu como *retribalização* o processo pelo qual o indivíduo pertencente a grupos tribais que se transferem para as cidades, enfatizam e exageram a sua identidade e exclusividade cultural, com objetivos políticos e econômicos. A *retribalização* pode ser entendida como uma manipulação sócio-cultural da formação de novos agrupamentos políticos, e como resultado da interação entre grupos étnicos dentro de um contexto de novas situações políticas”.

rística que, nos relatos, possui uma face eminentemente masculina. Sua imagem foi construída à sombra da imagem masculina. Ela trabalhava, mas não usufruía da sua produção de riqueza; criava filhos, educava-os nas normas cristãs, tornando-os aptos ao trabalho e à disciplina, mas era alijada da parte pública da produção da riqueza.

Sobre os primeiros colonos há poucos relatos (LORENZONI, 1975; POZZOBON, 1997; ANCARANI, [19--]). Dois deles são especialmente ricos, pois foram escritos por imigrantes e, posteriormente, traduzidos e publicados por seus descendentes: Julio Lorenzoni (1975), que tinha 14 anos quando sua família migrou, em 1877, e Andréa Pozzobon (1997), com 22 anos quando sua família migrou, em 1895. Nesses relatos, percebe-se a dinâmica do processo migratório: a pobreza daquelas populações, o aliciamento por agentes, padres, parentes, entre outros, e a vinda para a América, na expectativa de uma melhora nas condições de vida. O contraste entre o mundo do qual provinham (Europa) e o aqui encontrado (matas, índios, negros, comida e muita terra), fez com que os relatos de ambos apresentassem o encontro com a natureza brasileira e sua diversidade. A noção de processo civilizador se inicia nesse encontro narrativo acerca do mundo americano. Como ressalta Pratt (1999), em sua análise de relatos de viajantes, essa zona de contato⁹ possibilita a representação desse encontro como uma anticonquista, numa nova forma narrativa, na qual a presença do europeu civilizador é naturalizada, e sua autoridade é representada como civilização e não como invasão, “fazendo uma impressão mais de inocência do que de intervenção” (PRATT, 1999, p. 27). Eles chegam, dominam e domesticam o que antes era considerado natureza e espaço vazio e se sentem autorizados para isso. Os relatos de Lorenzoni e Pozzobon (estes, ambos homens, letrados, oriundos do norte da Itália), narrados em tom pessoal, podem ser considerados dessa forma. Em suas apresentações da natureza, como salientaria Pratt, há um certo colonialismo classificador acerca do outro e do mundo encontrados.

Esses imigrantes eram vênnetos, lombardos, trentinos, friulanos, mantovanos etc. Não se sentiam italianos no sentido de um pertencimento a um Estado Nacional, numa Itália que acabara de se unificar de direito (1870) e a contragosto de muitos. Consideravam-se habitantes de um *paese* que possuía características específicas, adoravam santos específicos e, em algumas situações, falavam, inclusive, dialetos particulares e incompreensíveis, como relata Lorenzoni quando narra a travessia

⁹ Para a autora, *zona de contato* seria aquele espaço de encontros coloniais “...onde os povos que estavam separados geográfica e historicamente entram em contato e estabelecem relações duradouras, envolvendo normalmente a coerção, a desigualdade racial e o conflito irresolúvel” (PRATT, 1999, p. 30).

oceânica. Ele salienta que, no navio que os trazia para o Brasil, alguns não se entendiam. Contudo, algo os unia: eram migrantes pobres em sua maioria, despossuídos, e essa experiência os tornava iguais, apesar das diferenças culturais. A lembrança de terem participado de um processo comum, apesar das diferenças, pode ser observada ainda hoje entre os descendentes, mesmo que de regiões distintas. A invocação do passado, da figura do pioneiro, daquele antepassado que migrou, que efetuou a ruptura, é algo forte. Alguns desses imigrantes são ainda lembrados por meio de fotos de passaportes e documentos copiados e transformados em quadros, que são exibidos nas paredes das salas de estar, seja residenciais ou comerciais e de serviços.

Ao receberem os lotes, agregavam-se de acordo com os pertencimentos regionais (vide a nomenclatura das localidades *Val de Buia*, *Val Feltrina*, *Val Verones*, *Linha dos Mantuanos* etc). O processo de assentamento nos lotes e de produção foi animador nos primeiros anos, permitindo que as famílias vivessem bem, como ressalta Lorenzoni. Essas diferenciações, mantidas nas localidades de habitação mas generalizadas ao se tornarem “os italianos”, foram absorvidas pelos descendentes nas situações de interação social fora da colônia. Fato alterado contemporaneamente devido às novas dinâmicas dos processos identitários em níveis transnacionais. Esses descendentes têm reivindicado origens dentro da origem: se autodenominam friulanos, trentinos, lombardos, vênets e gostam de salientar isso. Assumem a condição genérica também, numa negociação de alteridades, mas ressaltam suas particularidades orientados, em parte, pelas dinâmicas identitárias da própria Itália que favorece os descendentes de acordo com as regionalidades de origem e estabelece convênios e agenciamentos orientados pelo critério de antecedência do imigrante pioneiro, o antepassado, transformado no iniciador da saga familiar.

A colônia Silveira Martins foi desmembrada e extinta em 1888 e seu território dividido entre os municípios de Júlio de Castilhos, Santa Maria e Cachoeira do Sul. O centro urbano no qual começara a colônia ficou sendo distrito de Santa Maria e, em 1987, emancipa-se, tornando-se o município de Silveira Martins, conhecido como o “berço da colonização italiana local”. A colônia, próspera em seu nascedouro não conseguiu progredir como aquelas da serra gaúcha, em especial Caxias do Sul, considerada a “pérola das colônias”, questão que tem motivado estudos na região. A elite da colônia Silveira Martins migrou para Santa Maria e para outras localidades e não reinvestiu seu capital econômico (e humano) em nível local.

Não houve também o desenvolvimento de indústrias, como ocorreu na serra. Os camponeses pobres também migraram, criando redes de deslocamento muito interessantes de se estudar. Havia seleção de membros que rumavam para os centros urbanos para se tornarem operários, trabalhar no comércio ou em serviços. Geralmente os pais e alguns filhos permaneciam na colônia, recebendo, muitas vezes, o valor do salário daquele membro que se deslocara. Essas redes se alastravam, permitindo a circulação de mão-de-obra e também de pessoas da colônia para Santa Maria, no caso, a situação de pesquisa que mais de perto acompanhei. Essas pessoas eram hospedadas por parentes ou padrinhos, e as mulheres, que trabalhavam como empregadas domésticas, residiam com os patrões que eram, em sua maior parte, migrantes e descendentes de italianos que haviam ascendido economicamente, formando já distinções baseadas no sucesso da empreitada migrantista, muitas vezes, no interior da mesma família. Essa circulação deve ser compreendida como estratégia de sobrevivência da condição de camponês, porque com lotes de 22 hectares, em média, muitos deles em terrenos acidentados, a sobrevivência não era fácil, o que favorecia e impelia essas migrações internas e a busca por novas oportunidades de renda, que não estivessem assentadas somente no trabalho com a terra.

Em Santa Maria, cidade econômica e politicamente mais importante na região, a reivindicação de uma italianidade positivada acompanha o trajeto das reivindicações em nível nacional e estadual. Na década de 1980, criam-se as primeiras agregações que, em 1991, transformam-se na Associação Italiana de Santa Maria. Em 1994, a cidade recebe uma Agência Consular. Aliada a essas entidades, há a criação constante de *circoli*, que são entidades que possuem vínculo com as regiões italianas, tais como: *Circolo veneto*, *Circolo Lombardo*, *Circolo Emilia-Romana*, entre outros. Em nível local, os acontecimentos do período do Estado Novo também marcaram os descendentes de italianos e fizeram com que, no período pós-Segunda Guerra Mundial, as italianidades fossem vivenciadas de forma mais discreta e ressentida. O Estado Novo havia deixado marcas, ao proibir que os descendentes e os imigrantes falassem seus dialetos, que se reunissem publicamente e que se deslocassem livremente. Houve uma série de repressões que, localmente, permaneceram na memória dos descendentes (vide ZANINI, 2005b, 2006) como um sinal adscritivo importante, embora nem sempre bem compreendido.¹⁰ Zanini denominou esse processo de “memórias em construção”, pois revelavam, justamente, o percurso de construção das alteridades locais

¹⁰ Compreendemos memória no sentido atribuído por Halbwachs (1990): uma construção sobre o passado, efetuada no presente, por meio das categorias de sentido atuais dos descendentes.

e quais seriam os sinais adscritivos que estavam tendo significado para o grupo. Processo esse que a autora considera em constante atualização, orientado por dinâmicas interativas locais, nacionais e transnacionais, inclusive fazendo uso das novas mídias, o que transforma a italianidade numa noção privilegiada para os estudos étnicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi importante para o desenvolvimento deste artigo, com base em pesquisas empíricas, compreender a trajetória do movimento de reivindicação da identidade ítalo-gaúcha, sua constituição e negociação como uma estratégia de manutenção do grupo e, também, como um símbolo de classificação social, que está em constante dinâmica. Muitos dos descendentes que reivindicam a identidade ítalo-gaúcha hoje o fazem por acreditar que essa identidade lhes agrega valor e contribui para a diferenciação social. Ser ítalo-gaúcho é mais valorizado do que se denominar, simplesmente, brasileiro. Diríamos, assim, que essa reivindicação é uma estratégia de distinção no interior de um mercado regional e nacional de bens simbólicos, embora os italianos do Rio Grande do Sul não se identifiquem com os estereótipos atribuídos aos italianos de São Paulo, por exemplo, considerados menos religiosos e distintos daqueles daqui (ZANINI, 2005b).

Além disso, mediante a inserção nas redes desses grupos, as possibilidades de ascensão social ampliam-se, uma vez que a marca da identidade ítalo-gaúcha passa a ser um diferencial, que permite ter acesso, por exemplo, à cidadania italiana, trabalho no exterior, bolsas de estudo e a uma rede de contatos que os situa entre iguais e entre pessoas que, idealmente, valorizariam as mesmas coisas: trabalho, poupança, família, religiosidade.

O importante para compreender a invocação da italianidade desses imigrantes são os sinais diacríticos que o grupo utiliza para delimitar suas fronteiras de pertencimento, a construção de tradições e de sentidos para essas tradições. É interessante a observação de Oro (1996, p. 621), ao salientar que os descendentes de italianos do Rio Grande do Sul não negariam suas identificações como brasileiros e gaúchos, mas reivindicariam uma “identidade étnica plural”, hibridizada. Salientaríamos: são “ítalo-brasileiros”, “ítalo-gaúchos”. Essas hibridizações, contudo, são negociadas nos contextos interativos, de acordo com situações que se estabelecem. Ora é mais lucrativo se denominar simplesmente de italiano, lombardo, ítalo-gaúcho e assim por diante. Portanto, são possibilidades de os indivíduos agregarem valor a si, reivindicando a identidade e se

identificando como descendentes de um grupo tido como empreendedor, progressista e ordeiro nas representações atuais.

Tal afirmação se coaduna com as observações de Hall (1999). A etnicidade, vista por esse prisma, seria uma forma de reação à homogeneização imposta por padrões sociais dominantes. No contexto das negociações identitárias, a cultura seria um elemento a ser considerado dinamicamente e não como fonte imutável de pertencimento grupal, com o que concordamos amplamente e sobre o que nossas pesquisas etnográficas constantemente nos alertam. Encontramos, em Caxias do Sul, uma liderança étnica ligada à burguesia comercial de origem colonial, com a identidade étnica fornecendo uma rede de proteção social. A etnicidade foi mobilizada pela elite dominante como recurso e estratégia para manter o controle. Nesse caso, a cultura é utilizada também como instrumento político (JENKINS, 1997).

Deste ponto de vista, a etnicidade se desdobra como uma ideologia, no sentido que Gramsci (1978) dá ao termo, ou seja, como um cimento que unifica as práticas e pensamentos de um determinado grupo social. Surge aí o conceito de lealdade ao grupo e de uma identidade local. No caso do grupo que estudamos, há uma clara hierarquização de identidades: a identidade local (de origem) sobrepõe-se à regional e à nacional. Os descendentes de italianos consideram, de acordo com as negociações, que a sua identidade mais significativa é a identidade local de “italianos”, sem, contudo, renegar seu pertencimento à pátria brasileira. Como dizem: são brasileiros “de origem italiana”.

O que pensamos ser relevante do ponto de vista das discursividades acerca da italianidade(s) é: com a ascensão econômica e política da parcela da população de migrantes e descendentes que enriqueceu, há versões acerca da trajetória dos “italianos no estado”, que se torna hegemônica e legítima, a ponto de virar quase uma história oficial, na qual são ressaltadas dificuldades e união do grupo e apagadas ou minimizadas as dissensões. Nesse sentido, pesquisas etnográficas alertam para as complexidades internas nesses processos de reivindicação de pertencimento e também para o importante papel exercido pelos agenciadores étnicos, ainda pouco estudado.

Na história oficial daquela região, não é ressaltado o contexto em que se deram a imigração e o povoamento do Rio Grande do Sul, mas aquelas virtudes que são pensadas como “inatas” dos imigrantes trabalhadores, honestos, bons católicos, criativos, persistentes, apegados à família e a poupadores.

O sangue seria uma metáfora, conforme ressaltado por Seyferth (2004).¹¹ Ele é usado narrativamente para definir ou invocar a índole ou o caráter do descendente, ressaltando o quanto a identidade, potencialmente, seria inata. Isso, conforme observamos em nossas etnografias, é uma retórica, pois os descendentes se sabem negociadores identitários e são cientes de que a italianidade pode se tornar mais ou menos visível, de acordo com seus interesses, portanto, não seria tão substantivada ou inata assim.

Observamos, nesse caso, a imposição de uma ideologia dominante como senso comum. Segundo a teoria gramsciana, as ideologias mais ativas e orgânicas interferem no senso comum e nas tradições. É isso que observamos em Caxias do Sul. As idéias da elite caxiense são não apenas hegemônicas, mas também parte do senso comum da região. É preciso lembrar, porém, que, para Gramsci, ideologia não é uma “falsa consciência”, mas reprodução e transformação (ROUANET, 1978). Porém, tão importante quanto esse aspecto de possibilidades de criar discursividades e transformá-las em representações com “força”, é que os descendentes de imigrantes italianos, sejam de Caxias do Sul ou de Santa Maria, são negociadores em potencial. As italianidades são mesclas de pragmatismo com valorações, sentimentos e uma infinidade de elementos selecionados nos contextos de fronteiras. Isso, pensamos, torna esse tema apaixonante para a Antropologia.

ABSTRACT

The identity of the descendants of Italians, “Italian of Rio Grande do Sul”, “Talian,” “Italian-gauchos” or simply “Italian” is constructed by some common signs ascriptions, such as pioneering, the compliment to the family as value of religion and particularly the reaffirmation of the work as a strategy of social ascension. These are the chosen symbols, which serve as the group and typing diacritical elements of contrast in the other “Brazilian.” However, in the Rio Grande do Sul, there are differences with respect to the construction of Italian history. This article is intended to make a contrast between the ethnographic region of colonization of the mountain gaúcha, especially Caxias do Sul, and settlement occurred in the central region of the state, mainly in Santa Maria and region.

Keywords: *identity; italian immigration; colonization.*

¹¹ A afirmação da autora é em relação aos teuto-brasileiros, mas acreditamos que pode ser utilizada também em relação aos descendentes de italianos.

REFERÊNCIAS

ANCARANI, Umberto. Monographia sobre a origem da ex-colônia italiana de Silveira Martins 1877-1914. *Revista Comemorativa do Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria-RS 1814-1914*, [S.l.], [19--].

BATTISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1982.

BATTISTEL, Arlindo I. *Colônia italiana: religião e costumes*. Porto Alegre: EST, 1981.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke (Org.). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BERTASO, Henrique D'Avila; LIMA, Mário de Almeida (Org.). *Álbum Comemorativo do 75^a Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Revista do Globo, 1950.

_____. Problems of conceptualizing cultural pluralism, with illustrations of Somar, Oman. In: MAYBURY-LEWIS, D. (Ed.). *The prospect for plural societies*. Whashington, DC: The American Ethnological Society, 1984.

BONI, Luís A de. *Bento Gonçalves era assim*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1985.

BONI, Luís A de; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul UCS, 1984.

BONI, Luís A de; GOMES, Nelci R. *Entre o passado e o desencanto*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1983.

CARELLI, Mario. *Carcamanos e comendadores*. São Paulo: Ática, 1986.

CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud 1875-1925. [S.l.: s.n.], 1925.

COHEN, Abner. *Custom and politics in urban Africa*. London: Routledge: Kegan Paul, 1979.

_____. *O homem bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

COSTA, Rovílio. Apresentação. In: SCALABRINI, João Batista. *A emigração italiana na América*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1979a.

_____. O contexto da imigração italiana e sociedade civil. In: BRAMBATTI, Luiz E. (Org.). *Roteiro de turismo e patrimônio histórico*. Porto Alegre: EST, 2002.

_____. Valores da imigração italiana: cem anos após. In: ISBIEP. *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1979b.

COSTA, Rovílio; BONI, Luís A de. Nós, os gringos. In: MAESTRI, Mário (Org.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1998.

DE BONI, Luís A. *Bento Gonçalves era assim*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1985.

_____. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sérgio (Org.). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987.

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1982.

FAUSTO, Bóris. *Negócios e ócios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERREIRA, Ademir Pacelli. *O migrante na rede do outro*. Rio de Janeiro: Te Cora, 1999.

FIRTH, R. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1974.

FRANCO, Álvaro. *Ábramo já tocou ... ou a Epopéia de um imigrante*. São Paulo: Ramos Franco, 1943.

FREYRE, Gilberto. *Novo Mundo nos Trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

FROSI, Vitalina Maria. A linguagem oral da região de colonização italiana no Sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário. *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1998.

_____; MORANZA, Ciro. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

GIRON, Loraine Slomp. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: EST, 1977.

_____. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergio. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

- _____. *As sombras do Littorio*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Unesco, 2003.
- _____. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. Ethnicity: identity and difference. In: ELEY, Geoff ; SUNY, Ronald Grigor (Ed.). *Becoming national*. New York: Oxford University Press, 1996.
- HOHIFELDT, Antonio. Desenvolvimento cultural na zona de imigração italiana. In: ISBIEP. *Imigração italiana: estudos*. Caxias do Sul: EST: UCS, 1979.
- JENKINS, Richard. *Rethinking ethnicity: arguments and explorations*. London: Sage Publications, 1997.
- LAGEMANN, Eugenio. Imigração e industrialização. In: DACANAL, José; GONZAGA, Sergius. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- LAZZAROTTO, Valentim. *Pobres construtores de riqueza*. Caxias do Sul: UCS, 1981.
- LORENZONI, Julio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.
- MAESTRI, Mário. Apresentação. MAESTRI, Mário. *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1998.
- _____. A travessia e a mata: memória e história. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, M^a Beatriz Pinheiro. *Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.
- _____. Os Gringos também amam. *Revista Espaço Acadêmico*, [S.l.], ano 3, n. 25, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/025/25hmaestri.htm>>. Acesso em: 27 out. 2003.

MAESTRI, Mário. A Lei do Silêncio: história e mitos da imigração ítalo-gaúcha. *Revista Vox*, Porto Alegre, n. 7, [20--]. Disponível em: <<http://www.corag.rs.gov.br/revistas/vox/007-pre/biblioteca.html>>. Acesso em: 27 out. 2003.

ORO, Ari Pedro. "Mi son Talian": considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. In: BONI, L. A. de (Org.). *A presença italiana no Brasil*. v. 3. Porto Alegre: EST, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

PRATT, Mary Louise. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante? In: VESCIO, Luiz Eugenio; SANTOS, Pedro Brum (Org.). *Literatura & História*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 17-54.

POZZOBON, Zolá Franco. *Uma odisséia na América*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Imaginário e dominação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul – RS*. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SCHNEIDER, Jens. Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 97-129, abr. 2004.

_____. *Quais Brasis?:* considerações sobre a construção da identidade brasileira (e algumas comparações com Alemanha). Artigo inédito apresentado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2003.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

_____. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 149-197, jul./ dez. 2004.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 199-228.

SPRANDEL, Marcia Anita. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Dissertação (Mestrado)–PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1980.

WOLF, Eric R. Etnicidade e nacionalidade. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins. *Antropologia e poder*. Brasília, DF: UnB, 2003.

ZANINI, Maria Catarina. Assistir, ouvir, ler e narrar: o papel da mídia nas construções identitárias étnicas. *Revista de Antropologia (USP)*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 699-731, 2005a.

_____. O Estado Novo e os descendentes de imigrantes italianos: entre feridas, fatos e interpretações. In: DALMOLIN, Cátia (Org.). *Mordaza verde e amarela*. Santa Maria: Palotti, 2005b. p. 113-128.

_____. Guardiões de memórias: a força dos arquivos pessoais. *Travessia*, São Paulo, n. 49, p. 19-23, maio/ ago. 2004.

_____. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Tese (Doutorado)– Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.